

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

MARINA DIESEL GREVE

**“Fica, vai ter Bolo”: A possibilidade e potência do
encontro nos espetáculos online**

Porto Alegre, 2021

MARINA DIESEL GREVE

“Fica, vai ter Bolo”: A possibilidade e potência do encontro nos espetáculos online

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito obrigatório para a obtenção do título em Bacharel em Teatro, com Habilitação em Interpretação Teatral.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Cláudia Müller Sachs

Prof.^a Dra. Gisela Costa Habeyche

Prof.^a Dra. Patricia Leonardelli

Porto Alegre, novembro de 2021

CIP - Catalogação na Publicação

Greve, Marina Diesel
"Fica, vai ter Bolo": A possibilidade e potência do encontro nos espetáculos online / Marina Diesel Greve.
-- 2021.
53 f.
Orientadora: Cláudia Müller Sachs.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de Teatro: Interpretação Teatral, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Atuação. 2. Encontro. 3. Teatro online. 4. Autoficção. 5. Processo criativo. I. Sachs, Cláudia Müller, orient. II. Título.

ESTÁGIO DE ATUAÇÃO DE MARINA GREVE

UFRGS
PROEXT
PRO-REITORIA DE EXTENSÃO

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

I
INSTITUTO DE ARTES

DAD
Departamento de Arte Dramática

F I C A V A I T E R B O L O



VOCÊ ESTÁ CONVIDADE(O/A) PARA O MEU DIA ESPECIAL!

O QUÊ? *Fica, vai ter bolo*

QUANDO? *11, 12, 13 de Março - 2011*

ONDE? *Plataforma Zoom*

INGRESSOS GRATUITOS NO SYMPLA.
ESPERO VOCÊ LÁ!

“A arte nos permite encontrar a nós mesmos e nos perder ao mesmo tempo”
(MERTON, Thomas)

Aos sonhadores.

AOS CONVIDADOS DE HONRA

Meus mais sinceros e amorosos agradecimentos às pessoas que tornaram essa grande festa possível.

Aos meus pais Patrícia e Rui, por acreditarem em mim, pela base, educação e amor que me deram desde que nasci; especialmente à minha mãe que se fez tão presente em todos os momentos – e também em “Fica, vai ter Bolo”;

Aos meus avós, por serem grandes exemplos de carinho e dedicação;

Aos meus tios e tias, por serem tão presentes em minha vida;

À minha prima-irmã Giovana, por ser minha bolinha amada;

A Vicente Vargas, pelo transbordamento, mão-dada, escuta e amor;

À Cláudia Sachs, pela orientação cheia de afeto, pela amizade e por todos os ensinamentos;

À minha banca: à Gisela Habeyche, minha primeira professora da graduação, pela generosidade desde o princípio; à Patricia Leonardelli, pela abertura e pelos espaços de confiança em sala de aula;

A minhas professoras e professores durante essa caminhada estudantil, em especial a Marcelo Almeida, meu primeiro professor de teatro;

À Qex Bittencourt, pelo acolhimento e por acreditar neste projeto desde o primeiro instante com coragem e um olhar generoso;

À outra parte da equipe de “Fica, vai ter Bolo”, Ana Girardello, Henrique Strieder e Vinícius Zurawski, pela parceria e por terem feito tudo possível;

À Cass Dutra, Gabriel Brochier, Henrique Strieder, João Pedro da Cunha, Lali Garrido, Mariana Fernandes, Renata Daneluz e Renata Lorenzi, pelos últimos quase-cinco anos de companheirismo dentro e fora do Departamento;

À Eduarda Ouriques, Frederico Vittola, João Gabriel OM e Miguel Ribeiro pela enorme ajuda nos encontros semanais de orientação coletiva em 2020;

Aos artistas desse mundo, por acreditarem;

A você que me lê.

RESUMO:

Qual a real possibilidade de que o encontro ocorra em um espetáculo *online*? O que poderia ser feito para que o encontro acontecesse? O presente trabalho procura discutir o processo de criação do espetáculo teatral *online* “Fica, vai ter Bolo” enquanto teatro autoficcional baseado, sobretudo, em Janaína Fontes Leite. Além disso, buscamos analisar as diferentes formas de encontro vividas tanto durante essa criação, quanto em suas apresentações públicas, conversando com teorias de Jorge Dubatti, Maria Homem e Patrícia Fagundes. A partir da descrição de algumas cenas e suas motivações, tecemos considerações sobre essas perspectivas no intuito de aprofundar o questionamento sobre teatro como arte do encontro.

Palavras-chave: Atuação; Encontro; Teatro online; Autoficção; Processo Criativo.

ABSTRACT:

What is the real possibility that the encounter takes place in an online show? What could be done to make the encounter happen? This work seeks to discuss the creation process of the online theater show “Fica, vai ter Bolo” as self-fiction theater based, above all, on Janaína Fontes Leite. In addition, we seek to analyze the different forms of encounter experienced both during this creation and in its public presentations, in dialogue with theories by Jorge Dubatti, Maria Homem and Patrícia Fagundes. Based on the description of some scenes and their motivations, we consider these perspectives in order to deepen the questioning of theater as an art of encounter.

Keywords: Acting; Encounter; Online Theater; Autoficction; Creative process.

AS FOTOS DA FESTA – LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Foto da apresentação da peça Chapeuzinho Vermelho, na comemoração de Dia das Mães da escolinha Baby&Kids	09
FIGURA 2 – Foto da minha festa de aniversário de quatro anos	11
FIGURA 3 – Registro da cena “A Festa de Aniversário dos Sonhos”	13
FIGURA 4 – Registro do vídeo pré-aniversário de 2015	15
FIGURA 5 – Registro do vídeo pré-aniversário de 2020	15
FIGURA 6 – Registro do vídeo pré-aniversário de 2014	16
FIGURA 7 – Registro do vídeo pré-aniversário de 2019	17
FIGURA 8 – Foto da minha festa de aniversário de cinco anos	22
FIGURA 9 – Registro da cena “A Troca de Sapatinho”	23
FIGURA 10 – Registro da cena “Dimensão Marina”	24
FIGURA 11 – Registro de ensaio do dia 08 de outubro de 2020	27
FIGURA 12 – Registro da cena “A Troca de Sapatinho”	29
FIGURA 13 – Registro da cena “O Discurso”	32
FIGURA 14 – <i>Storie</i> postado por Victória Ribeiro	35
FIGURA 15 – <i>Storie</i> postado por Martina Fensterseifer	35
FIGURA 16 – <i>Storie</i> postado por Marina Vacchi	36
FIGURA 17 – <i>Storie</i> postado por Thiago Ruffoni	36
FIGURA 18 – Registro da cena “Parabéns para Você”	41
FIGURA 19 – Relato pós-espetáculo de Grasiela Pressi	43
FIGURA 20 – Relato pós-espetáculo de Duda Rhoden	43
FIGURA 21 – Relato pós-espetáculo de Luiza Escandiel	44
FIGURA 22 – Relato pós-espetáculo de Carolina Minuscoli	44
FIGURA 23 – Registro da cena “Parabéns para Você”	48
FIGURA 24 – Registro da cena “A Troca do Sapatinho”	53

SUMÁRIO

VOCÊ ESTÁ CONVIDADO(A/E) PARA O MEU ANIVERSÁRIO	09
ANTES DE A FESTINHA COMEÇAR: O INÍCIO	11
1. ENCHENDO OS BALÕES: AS PRIMEIRAS ESCOLHAS	14
1.1 “Hoje é dia 23 de agosto”: Os vídeos pré-aniversário	15
1.2 “Eu sou a Marina”: Minha experiência com a autoficção	18
1.3 “Hoje é o seu dia, que dia mais feliz”: Aniversário	21
2. ENROLANDO OS DOCINHOS: O PROCESSO DE CRIAÇÃO	24
2.1 “A Troca do Sapatinho”	26
2.2 “As Homenagens”	29
2.3 “Gerações”	30
2.4 “O Discurso”	31
3. FELIZ ANIVERSÁRIO: AS APRESENTAÇÕES	33
3.1 Estratégias de aproximação: os <i>Kits</i> -Aniversário	33
3.2 As Apresentações	36
3.2.1 11 de março: a estreia	36
3.2.2 12 de março	39
3.2.3 13 de março	40
CHEGOU A HORA DE APAGAR A VELINHA: CONSIDERAÇÕES FINAIS – E O ENCONTRO! –	42
ANTES DE DESLIGAR AS LUZES DO SALÃO: REFERENCIAL TEÓRICO	49
ABRINDO OS PRESENTES: FICHA TÉCNICA DE “FICA, VAI TER BOLO”	53

VOCÊ ESTÁ CONVIDADO(A/E) PARA O MEU ANIVERSÁRIO

Porto Alegre, 26 de setembro de 2021

Querido(a/e) convidado(a/e),

Gostaria de lhe dar as boas-vindas à minha eterna festa de aniversário e a esse que é meu último trabalho como aluna da graduação em Interpretação Teatral do curso de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Caso não nos conheçamos: muito prazer, me chamo Marina. Acredito que conhecemos muito sobre as pessoas nos inteirando do que elas amam – e eu amo muitas coisas –. As cores do mundo, a luz do sol, ver um arco-íris, brincar com crianças, comer amora direto do pé, abraçar cachorros – especialmente os meus, Dexter e Jazz –, estar com minha família, rir com meus amigos, fazer aniversário, dançar e contar histórias são algumas delas. Dentre essas várias e talvez incontáveis coisas podemos adicionar viver! Afinal, sem vida, comer amoras e dançar seria impossível. Foi por esse amor à vida e pela vontade de poder ser e viver todas as possibilidades existentes que decidi ser atriz.

Lembro muito bem da primeira experiência que tive com teatro, ainda na escolinha, aos quatro anos. A peça escolhida para apresentar na comemoração de Dia das Mães foi *Chapeuzinho Vermelho* e eu fiquei com o papel da Vovó da Chapeuzinho – mesmo querendo muito interpretar a personagem principal –.



FIGURA 1 – Foto da apresentação da peça *Chapeuzinho Vermelho*, na comemoração de Dia das Mães da escolinha Baby&Kids, em Porto Alegre-RS. 07 de maio de 2003.

Depois de apresentarmos a peça, as mães de alguns coleguinhas vieram me parabenizar e uma delas disse uma frase que nunca esqueci. “Nossa, eu nem te reconheci! Parecia mesmo a vovózinha”. Hoje, lógico, sei que ela disse isso só para me agradar, mas talvez tenha sido essa a frase que acendeu em mim essa vontade de viver outras vidas de vez em quando.

Mesmo tendo me apaixonado bem cedo por esse ofício, foi só com onze anos que comecei a ter aulas de Teatro na escola e a partir dali decidi que estudaria Teatro na UFRGS quando crescesse. E foi o que fiz, no fim das contas! Cursar Teatro foi uma decisão muito feliz que tomei e que bom que hoje estou aqui, escrevendo a você depois desses agora quase cinco anos aprendendo tanto com professores generosos e colegas inspiradores. Por mais que a graduação não seja de fato um lugar, vejo esse momento da minha vida como a segunda casa que agora deixo para trás para voar em outros lugares. Estar no DAD, o Departamento de Arte Dramática, me fez lembrar todos os dias da importância de fazer arte no Brasil, apesar, e por causa, dos desmontes constantes da cultura e da educação, que podem ser, e são, extremamente desanimadores.

Nessa caminhada de mais de dez anos amando as salas de ensaio, a luz quente no rosto, o frio na barriga pré-espetáculo, os palcos e as plateias, descobri com o teatro que tudo na vida faz mais sentido e é mais gostoso quando compartilhado. Descobri também que ser e estar vulnerável é um ato de coragem nesses tempos em que a gente só mostra o lado bonito das nossas vidas. Por isso, neste trabalho me proponho a compartilhar muitas experiências felizes – e algumas nem tanto – que moldaram muito meu trabalho do início de 2020 até aqui. Te convido a desbravar essas cores, amores e mesmo as dores que espalhei nessas páginas. Espero que seja uma festa, dessas em que a gente come muito rissole e docinho.

Um beijo carinhoso.

Com amor,

Marina

ANTES DE A FESTINHA COMEÇAR: O INÍCIO

A garagem da casa dos avós maternos de uma menina de recém-feitos quatro anos. Paredes amarelas, texturizadas, teto de madeira, piso de cerâmica bege que, quando tocado com os pés descalços, é frio. Pendurado, um grande mural de tecido com pintura da boneca Barbie, que usa um vestido rosa e está parada, sorrindo, à frente de um castelo, igualmente rosa. Acima do mural, um letreiro de isopor em que se lê a palavra “Parabéns”, também cor-de-rosa e coberto de glitter. Dos lados direito e esquerdo do mural, colunas de balões cor-de-rosa. À frente do mural, uma mesa comprida, retangular, coberta com uma toalha cor-de-rosa feita com TNT (sigla de tecido não tecido) e saia de mesa feita do mesmo material. Na parte superior da saia, cinco flores com pétalas rosa e miolo branco, elas são feitas de EVA. Em cima da mesa, oito enfeites de isopor e imagens da boneca Barbie, bandejas com brigadeiros deliciosos e um bolo retangular, possivelmente de chocolate, com cobertura de glacê cor-de-rosa e decorado com uma boneca Barbie sentada. Ao lado da boneca, uma vela branca com o número quatro. Pessoas, da mais nova a mais velha, todas contentes e sorridentes – exceto um ou dois bebês que choram –, cantam “Parabéns pra Você” olhando para uma menina, que veste uma blusa verde estampada com três grandes flores e uma saia *jeans*.

Foi nesse cenário, ao lado de várias pessoas queridas, que comemorei meu aniversário de quatro anos, em agosto de 2002. É desse dia a minha primeira real lembrança de ser aniversariante.



FIGURA 2 – Foto da minha festa de aniversário de quatro anos. 25 de agosto de 2002.

São poucas as memórias que tenho desses momentos, mas hoje sei que foi a partir deles que foi despertada uma alegria relacionada ao fazer aniversário que nunca mais adormeceu. Não sei dizer se um dia saberei exatamente o porquê de amar tanto esse dia. Hoje, porém, me contento ao compartilhar onde esta paixão me fez chegar.

Desenvolver e viver um espetáculo, depois de tanto tempo longe do teatro, foi tão especial quanto acordar no dia do meu aniversário. O motivo para ter ficado distante do teatro é a pandemia que vivemos desde março de 2020. Devido a pandemia causada pelo vírus Covid-19, não entro em uma sala de teatro nem no prédio do Departamento de Arte Dramática desde março de 2020.

No dia 16 de março de 2020 começou oficialmente o meu isolamento social. Pouquíssimas pessoas nas ruas, estabelecimentos fechados, aulas canceladas, muito álcool gel, vídeo-aulas para aprender a lavar as mãos corretamente, máscaras. O mundo inteiro com medo e repleto de dúvidas. (GREVE, 2021, p. 6)

“Fica, vai ter Bolo” foi criado para ser meu Estágio de Atuação no curso de Teatro da UFRGS. Dentro do DAD, os alunos do Bacharelado têm como um de seus últimos objetivos dentro do curso desenvolver um espetáculo teatral. Para os alunos da ênfase em Interpretação Teatral, como eu, a pesquisa é focada no trabalho como atriz/ator. O que eu não sabia quando fiz a matrícula no Estágio é que teria que descobrir novas formas de executar este trabalho, já que o isolamento social impediria total e completamente a aglomeração entre pessoas e até então eu nem sabia que existia uma maneira de fazer teatro à distância. No fim, o que foi pensado para ser “apenas” um espetáculo de conclusão de curso se tornou muito mais que isso. Tornou-se um motivo a mais para continuar em movimento em meio a tantas e tantas mortes, uma forma de encontrar – virtualmente – pessoas que queria ter perto, um respiro em meio ao caos. Uma forma de falar sobre um dos assuntos mais universais de todos, o aniversário, e de comemorar nossas vidas, as das pessoas que amamos, as das que se foram e as das que ainda virão. Foi a forma que encontramos de celebrar o que não vivíamos há um ano: o encontro.

Nos próximos capítulos deste trabalho me proponho a discutir o processo de criação de um espetáculo que surge com base no teatro documentário, passando pelo referencial de Janaína Fontes Leite, e da potência e possibilidade de encontro

com o público mesmo à distância, conversando com teorias de Jorge Dubatti, Maria Homem e Patrícia Fagundes. Além da complexidade que existe no trabalho de atuação, juntaram-se o desafio de escrever uma dramaturgia autoral em conjunto e ensaiar à distância. Precisamos também desenvolver estratégias de aproximação que permitissem maior contato com o público, procurando chegar o mais próximo possível do encontro e, por fim, apresentar o espetáculo através do Zoom, plataforma de conferência remota. Portanto, no primeiro capítulo me deterei aos motivos que nos levaram aos caminhos do universo do aniversário e do teatro autoficcional; no segundo, discorrerei sobre o processo de criação de um espetáculo desenvolvido quase inteiramente à distância e as estratégias de aproximação que a princípio nos permitiriam estar mais perto do público – de outras formas que não a presença física – e, por último, no terceiro capítulo, apresento minhas percepções enquanto atriz quanto às possibilidades do encontro a partir da experiência das apresentações do espetáculo.

Os balões estão cheios; o letreiro de “Feliz Aniversário”, pendurado; os quitutes esperam para serem apreciados; a música toca solta pelo ambiente. Agora, oficialmente, só nos falta...

Começar.



FIGURA 3 – Registro da cena “A Festa de Aniversário dos Sonhos”. Créditos: Qex Bittencourt.

1. ENCHENDO OS BALÕES: AS PRIMEIRAS ESCOLHAS

No banho pensei sobre uma festa de aniversário em que ninguém comparece. Sabe? Uma grande festa de aniversário e eu sozinha. É um pouco como eu tenho me sentido. Uma grande festa com balões coloridos e chapéus. E eu. Acho que no fundo sempre me senti assim. Sozinha no meio de um salão. Agora talvez tenha chegado o momento em que eu furo todos os balões, desligo as luzes e vou embora. Depois de cantar parabéns, é claro. (Diário de Estágio, 10 de setembro de 2020)

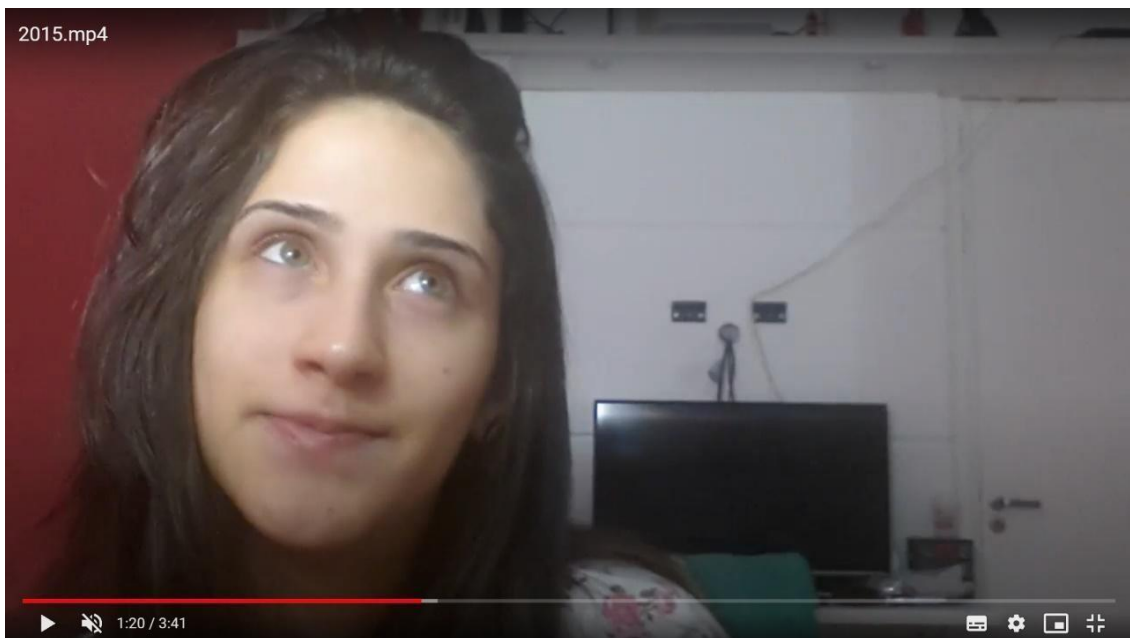
É assim que esta jornada se inicia: uma simples vontade e sua documentação no meu Diário de Estágio, documento tão importante para a construção de “Fica, vai ter Bolo”. O Diário foi fundamental para registrar meus pensamentos, percepções e construções durante o processo de criação do espetáculo. Acredito que escrevendo, filmando e gravando um áudio narrando algo conseguimos de certa forma manter vivo muito do que é importante, mas que é pequeno ou sutil o suficiente para esquecermos com facilidade. É como um momento muito especial que observamos em um dia qualquer na rua: reconhecemos a sua preciosidade, mas sabemos que não é um momento marcante o suficiente para se manter em nossa memória por muito tempo. Escrever sobre meus processos enquanto aluna e atriz foi uma recomendação que recebi logo no início do curso de Teatro na UFRGS das professoras Cláudia Sachs e Gisela Habeyche e sempre levei isso bastante a sério, não só na universidade, como também em minha vida pessoal. Justamente por isso documentei muitas partes da minha vida de diferentes formas: em vídeo, em texto, em áudio.

Quando compartilhei com Qex Bittencourt, diretora do espetáculo, a vontade de trabalhar a partir da temática do aniversário, ela logo se interessou. Inicialmente, sugeri que elencássemos individualmente alguns símbolos que nos remetessem a esse universo. Neste primeiro momento encontramos vários dos elementos que se tornaram parte do espetáculo, como as lembrancinhas, a faixa de Feliz Aniversário, o cartaz-convite de aniversário escrito à mão, os chapeuzinhos e o arco de balões que faz parte da decoração-cenografia. Alguns desses elementos tornaram-se parte das estratégias de aproximação que desenvolvemos para nos sentirmos mais próximos do público; elas serão discutidas no capítulo 3.

Foi ainda neste início de processo que tomamos um rumo bastante decisivo para o formato do espetáculo: resolvemos utilizar alguns dos materiais em vídeo que gravei durante a vida. Por isso, escrever a dramaturgia e fazer deste um espetáculo autoficcional parecia uma boa alternativa.

1.1 “Hoje é dia 23 de agosto”: Os vídeos pré-aniversário

No dia 23 de agosto de 2012, um dia antes do meu aniversário de 14 anos, gravei um vídeo de mim mesma – para mim mesma – falando algumas palavras no que seria, e foi, meu “último vídeo com 13 anos”. No ano seguinte, novamente gravei um vídeo me despedindo dos 14 anos e assim segui fazendo todos os anos desde então, documentando uma parte de cada dia 23 de agosto. O que começou de forma despretensiosa e não planejada se tornou uma grande tradição para mim.



FIGURAS 4 E 5 – Registros dos vídeos pré-aniversário de 2015 e 2020, respectivamente.

Entre os anos de 2013 e 2015 tive também o costume de constantemente gravar vídeos contando sobre minha rotina e o que acontecia no dia-a-dia. À época, meu objetivo era o de criar um diário de imagens gravadas, já que para mim sempre foi mais natural falar do que escrever. Dessa maneira, eu podia também lembrar para sempre dos cortes de cabelo que tinha, das roupas que usava, da maneira que movia as mãos ao falar, de que palavras usava e de vários detalhes que, se não estivessem documentados, seriam esquecidos por mim com o passar do tempo. Por outro lado, não sabia exatamente o motivo pelo qual fazia os vídeos pré-aniversário. A verdade é que ainda hoje não sei afirmar com certeza, mas arrisco dizer que acredito ter relação com minha curiosidade sobre a passagem do tempo, a vontade que tinha de não esquecer de quem fui e o certo apego que tenho às memórias. É importante frisar que eram todos vídeos pessoais, gravados para mim mesma e nunca com o objetivo de mostrar a outras pessoas.

Albert Einstein (1879-1955) escreveu, em torno do ano de 1946, que “um homem com sessenta e sete anos não é de modo nenhum o mesmo homem que era aos 50, 30 ou 20. Todas as reminiscências são coloridas com os tons do presente, vistas portanto sob uma falsa perspectiva.” (EINSTEIN, 1982, p. 7). Do mesmo modo, acredito que ao assistir a esses vídeos hoje posso ter a sensação de que descubro novos detalhes sobre mim mesma que, no fim, podem ser nada mais do que a visão alterada de uma versão mais velha ao analisar uma versão mais nova de si mesma. Ainda assim e apesar disso, agradeço à Marina do passado por ter tomado essa decisão de filmar a si mesma, já que revisito com frequência aqueles vídeos e acredito que esta tenha sido uma ótima forma de deixar eternizadas minhas vivências e versões.

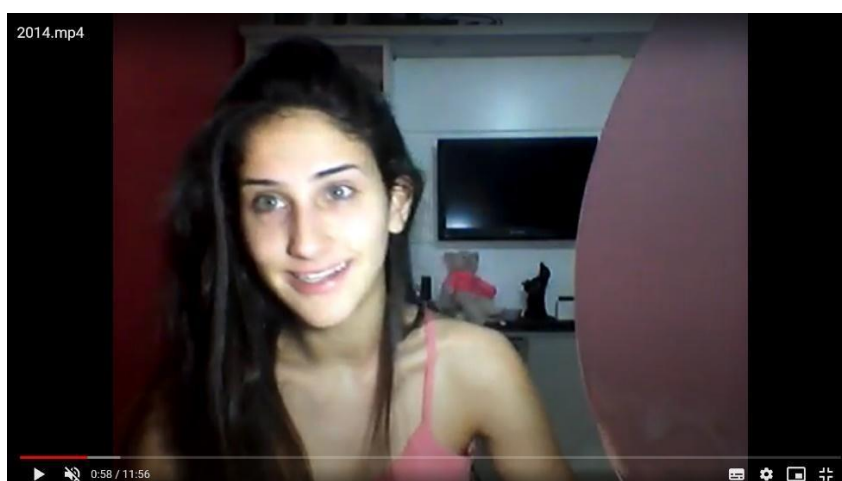


FIGURA 6 – Registro do vídeo pré-aniversário de 2014.



FIGURA 7 – Registro do vídeo pré-aniversário de 2019.

Documentar não é registrar fatos, mas mostrar processos. Não é um ofício, mas uma atitude perante a vida: uma mentalidade mais do que uma técnica. (...) Documentar, então, não é uma retrospectiva, mas um exercício prospectivo, não é um recurso memorialista, mas sim uma pesquisa e, portanto, não é a cereja do bolo que completa um processo, mas uma peça-chave de seu desenvolvimento. (RINALDI, 2001 apud LAFUENTE; GOMÉZ; FREIRE, 2018, p. 47. Tradução nossa.)

Assim como afirma Rinaldi (2001), vejo o ato de documentar como uma maneira de aprender mais sobre algo que, talvez, no momento em que documentamos não fosse tão simples de aprender. Por exemplo, quando anotamos em aula algo que o professor disse e é só depois de algumas semanas, ao revisar o caderno, que finalmente entendemos o que ele quis dizer. Ou quando, em uma aula de teatro, fazemos um exercício prático, anotamos nosso relato sobre a prática logo em seguida e anos depois, ao visitar aquele caderno, decidimos refazer o exercício e finalmente descobrimos para que ele servia. Nesse caso, nos vídeos pré-aniversário, o material de estudo sou eu mesma. E era a partir das coisas que dizia, dos assuntos que abordava, da forma que falava que me abria para o mundo e mostrava o que era importante para mim; mostrava quem eu era. Ainda hoje, grande parte das minhas escolhas só existem porque aquelas versões de mim, aqueles desdobramentos de Marina existiram. E é a partir dos vídeos, muitas vezes, que consigo identificar comportamentos que se mantêm ainda hoje – ou simplesmente lembrar momentos que haviam sumido da minha memória –. Hoje faço conexão destes vídeos com o teatro. Talvez o motivo pelo qual gravei o primeiro tenha sido um: lembrar. “O ato de lembrar nos liga ao passado e altera o tempo. Somos dutos vivos de memória humana. O ato da memória é um ato físico e está no cerne da arte do teatro. Se o teatro fosse

um verbo, seria o verbo lembrar” (BOGART, 2011, p. 62). Talvez seja porque gosto de lembrar que faço teatro. Talvez faça teatro porque gosto de lembrar. E talvez nunca saiba a real resposta.

Este trabalho, mais do que qualquer outro que já desenvolvi, representa muito de mim. O tema aniversário surgiu a partir de minhas experiências e vontades e a partir dele, os vídeos também se tornaram parte do projeto. Vídeos estes que já existiam por outro motivo, que foram feitos para outra finalidade, mas que foram introduzidos na cena a partir de minha vontade. Só então, depois de compreender esses desejos e enunciá-los, que fui apresentada a outros espetáculos que traziam para a cena documentos próximos a esses que tenho. Qex, ao ouvir sobre minha vontade de utilizar os vídeos em cena, compartilhou comigo uma fonte que se tornou grande referência para a nossa forma de fazer o trabalho, principalmente no início do processo: Janaína Leite, atriz, diretora e dramaturgista que desde 2008 desenvolve uma pesquisa sobre o documentário e o uso de material autobiográfico em cena.

1.2 “Eu sou a Marina”: Minha experiência com a autoficção

O primeiro trabalho de Leite com o qual tive contato foi “Festa de Separação: Um Documentário Cênico” (2009), desenvolvido por ela e seu ex-marido, Felipe Teixeira Pinto. O espetáculo tem como mote a separação do casal e a partir dele se constituiu um documentário, ao qual assisti pelo YouTube. Apesar da estética do espetáculo não ser o que já imaginava para “Fica, vai ter Bolo” – que na época ainda não tinha esse nome –, achei extremamente intrigante assistir em cena duas “personagens reais” contando sua história, compartilhando parte de suas vidas, também documentadas em vídeos – e cartas, e bilhetes, e fotos –. Em 2011, Leite forma um grupo de trabalho denominado “Possibilidades Para uma Cena Documental”, formado por 26 pessoas de diversas formações, como cinema, psicologia, história e teatro que procuravam explorar – na prática e na teoria – o campo de pesquisa do documentário e do autobiográfico nas artes cênicas.

Como o real pode atravessar a cena teatral? Como trazer para o teatro a experiência documental? Quais os recursos possíveis para fazê-lo? Quais implicações estéticas dessa operação? Quais são as possibilidades de aprofundamento e sofisticação no uso do material documental e do ficcional? Como transitar nos limites entre esses materiais? Como apagar esses

limites? Essas eram algumas das questões que norteavam o trabalho. (LEITE, 2017, p. 17)

Muitas dessas perguntas também me acompanharam durante o processo de construção do espetáculo, mas, acima de tudo, meu maior medo era de que “Fica, vai ter Bolo” se tornasse um trabalho inteira e exclusivamente sobre mim. Por mais que soubesse que tinha escolhido um tema que facilitaria a aproximação do público por se tratar de um assunto universal, ainda assim algumas vezes me perguntei se o caminho que estávamos trilhando não era egocêntrico demais.

Tendo a possibilidade de desenvolver uma personagem, outra vida distante e distinta de mim, eu realmente escolhia continuar com a minha, com o meu nome, com a minha história? De que forma isso interessaria a qualquer outra pessoa que não me conhecesse e gostasse de mim? (GREVE, 2021, p. 12)

Aparentemente, este não foi um receio apenas meu em relação ao teatro autoficcional. LEITE (2017) compartilha que grande parte dos artistas se sentem desconfortáveis ao fazer autobiografias por não quererem que seus trabalhos se tornem um simples “testemunho”, visto pelo público como “uma exposição pessoal que pode beirar o narcisismo ou o confessionalismo terapêutico”. (LEITE, 2017, p. 69) Do mesmo modo, aos poucos fui percebendo que apesar de contar sobre algumas de minhas vivências, ser chamada pelo meu nome e compartilhar documentos pessoais, o espetáculo não focava em mim e sim no fazer aniversário e na forma que muitas pessoas comemoram seu dia especial, particularmente o povo brasileiro.

Acredito que meu real desafio neste trabalho foi o de estar inteira e sozinha em cena pela primeira vez durante um espetáculo inteiro. Por muito tempo não soube o motivo pelo qual fiz a escolha de não interpretar uma personagem, e isso foi bastante complicado, justamente pelo medo de ser mais um trabalho cheio de ‘eus’. Ser chamada por meu próprio nome, expor vídeos tão pessoais e contar sobre meus sonhos nada mais foram que maneiras de me colocar vulnerável frente ao público, compartilhando parte do meu mundo por 45 minutos para que, dessa forma, tivesse a sensação de estar mais próxima deles. Era o desejo de encontro.

Quem documenta processos também registra dúvidas, incertezas, erros, bifurcações ou conflitos. E nem sempre podemos falar de soluções, ótimas ou não. Mostrar nossas indecisões nos torna sensíveis às nossas vulnerabilidades. Não escondê-los é a forma mais direta de chegar aos outros. (PADILLA, 2012 apud LAFUENTE; GOMÉZ; FREIRE, 2018. Tradução nossa.)

Essas palavras de PADILLA (2012) expressam bem minha experiência, pois foi só depois de apresentar o espetáculo que entendi que meu grande objetivo, desde o início do processo, era o de estar mais próxima das pessoas depois de tanto tempo de isolamento devido à pandemia. Além disso, outra novidade para mim era como me conectar com as pessoas através de dispositivos eletrônicos, algo que parecia impossível de se atingir.

Andrea Stelzer, professora e pesquisadora, conta no artigo “Autoficção e intermedialidade na cena contemporânea” que nota grande interesse nas narrativas autoficcionais quando as diferentes subjetividades passaram a interessar como uma nova cartografia de estudos sociais, etnográficos e das micropolíticas que formam a sociedade (STELZER, 2016, p. 278).

Essas narrativas têm o desejo de resistir às imagens embaralhadas criadas pela mídia, que apresenta os acontecimentos como um espetáculo distanciado da realidade, e buscam refundar os conceitos éticos de uma arte política e transformadora no nível dos afetos. (STELZER, 2016, p. 278)

Essa, portanto, foi minha primeira aposta: que seria a partir da memória afetiva que o encontro poderia se tornar possível, aproximando público e atriz. Que a partir das lembranças coletivas tornaríamos capaz algo que, antes, muitos de nós víamos como impossível: nos sentirmos juntos mesmo que distantes fisicamente.

Considero importante relatar neste momento que, antes de escolher falar sobre aniversário, trabalhar sozinha em cena e pesquisar as possibilidades do encontro no teatro online, trabalhei por cinco meses com Qex e dois colegas, Luiza Escandiel e Marcelo Neves. São pessoas muito generosas e dedicadas, que junto comigo se disponibilizaram a experimentar a possibilidade das cores como mote para criação na atuação, que era minha ideia inicial. Durante o processo escolhemos o texto “Savana Glacial”, de Jô Bilac, e nos encontramos semanalmente de 15 de abril a 24 de setembro de 2020 para, à distância, desenvolvermos um espetáculo. Aos poucos, conforme o tempo passava, fui percebendo que não era aquele trabalho que realmente queria fazer naquele momento e que a melhor coisa a se fazer realmente era encerrar o processo e partir para outro. É importante citar que esse foi um momento extremamente doloroso e complexo, cheio de dúvidas e questionamentos sobre o quê fazer a seguir sem magoar meus colegas e parceiros.

Como tudo na vida, “nem tudo são flores” e mesmo um processo tão feliz como

o de “Fica, vai ter Bolo” – que também teve seus momentos complicados – veio depois de outro processo inacabado. Foi graças à Cláudia, minha orientadora, que tive a coragem de seguir em direção ao que realmente queria naquele momento, que era falar sobre algo especial para mim: o aniversário.

Antes de o processo se iniciar, minha ideia foi a de me inspirar em “Um Conto de Natal” (1843), de Charles Dickens (1812-1870), e nos fantasmas dos Natais passados, mas tudo a partir da ótica do aniversário. Depois, passei a procurar por textos de outras pessoas que falassem sobre aniversário. Crônicas, poemas, tudo o que pudesse vir a me inspirar e, quem sabe, ser utilizado na dramaturgia. Ainda que possam existir, não encontrei textos dramáticos que falassem sobre aniversário e nem mesmo vídeos de outros espetáculos que já tivessem sido criados e apresentados. No fim, mesmo não encontrando dramaturgias sobre o tema, foi muito importante ler o que outros falavam sobre o assunto, mesmo em crônicas ou contos, para entender que, realmente, não havia outra maneira se não a de trabalhar a partir da minha vivência. Assim, decidi falar do lugar de quem ama fazer aniversário e tem esse dia como o mais importante do ano.

1.3 “Hoje é o seu dia, que dia mais feliz”: Aniversário

Amo fazer mais um ano de vida e também comemorar o aniversário das pessoas queridas. A sensação que tenho é que no dia em que completamos mais uma volta ao redor do Sol a vida é mais bonita; as pessoas, mais gentis; as possibilidades para que tudo tome um novo rumo, ainda maiores. É o dia em que temos para comemorar mais um ano de vida completo, nosso ou das pessoas que amamos, e de desejar a elas “muita felicidade, muitos anos de vida” (MELLO, 1942). O conjunto formado por balões, bolo, velinha, letreiro de “Feliz Aniversário”, docinhos e rissoles para mim representam muito bem a data e ao meu ver, essa é a melhor forma de comemorar, independente da idade que estivermos fazendo. Apesar disso, desde os sete anos não costumo fazer festas de aniversário com convite, salão e balões – apesar de ter planejado várias no decorrer dos anos –, mas de alguma forma sempre comemoro, seja com um almoço na casa dos meus avós maternos, uma saída à noite com os amigos ou um piquenique no parque e nunca deixo de assoprar as velas e fazer um pedido.



FIGURA 8 – Foto da minha festa de aniversário de cinco anos. Agosto de 2003.

Não sei dizer porque mesmo amando tanto todo esse universo, nunca havia pensado sobre a possibilidade de fazer um espetáculo sobre o tema. Surpreendentemente, mesmo que meus sentimentos sobre aniversário sejam os mais positivos, não foi por nenhum desses motivos felizes, mas exatamente pelo contrário, que a ideia surgiu pela primeira vez. Em julho de 2020, dois meses antes de começar a criar “Fica, vai ter Bolo”, minha avó materna Neiva, uma das minhas pessoas favoritas no mundo, faleceu. O período de luto foi especialmente difícil para mim, já que nunca havia passado por uma experiência como estas antes, e aquele foi o momento de maior solidão da minha vida. A ideia de usar o aniversário, que para mim sempre foi um momento tão feliz, para falar sobre uma face da solidão fez muito sentido. No fim, a solidão não é discutida no espetáculo, mas a sensação de estar em um ambiente festivo, com bolo e balões, cantando “Parabéns para Você” sozinha na estreia do espetáculo foi arrebatadora. Exploraremos isso no capítulo 3.



FIGURA 9 – Registro da cena “A Troca do Sapatinho”. Créditos: Qex Bittencourt.

2. ENROLANDO OS DOCINHOS: O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Neste capítulo me dedico à discussão da criação do espetáculo, enfocando as estratégias que foram pensadas para possibilitar ao máximo minha aproximação do público. Também discorrerei sobre o processo de ensaios e gravações e as possibilidades de encontro que descobri em nosso modo de trabalho.

No início do processo decidimos, Qex e eu, que o espetáculo teria formato híbrido de apresentação, em que parte das cenas seriam realizadas ao vivo e outra parte seria gravada previamente. À época, sabia que queria estar em cena ao vivo durante as sessões, pelo menos algumas vezes, para me aproximar o máximo possível do que havia aprendido durante o curso de Teatro na UFRGS até aquele momento. Não queria, ainda assim, ignorar o fato de que diversos recursos estariam disponíveis a partir do momento em que o espetáculo seria realizado através da *internet*. Estar em cena representando mais de uma persona ao mesmo tempo, interagindo comigo mesma, por exemplo, seria possível através da edição das imagens.

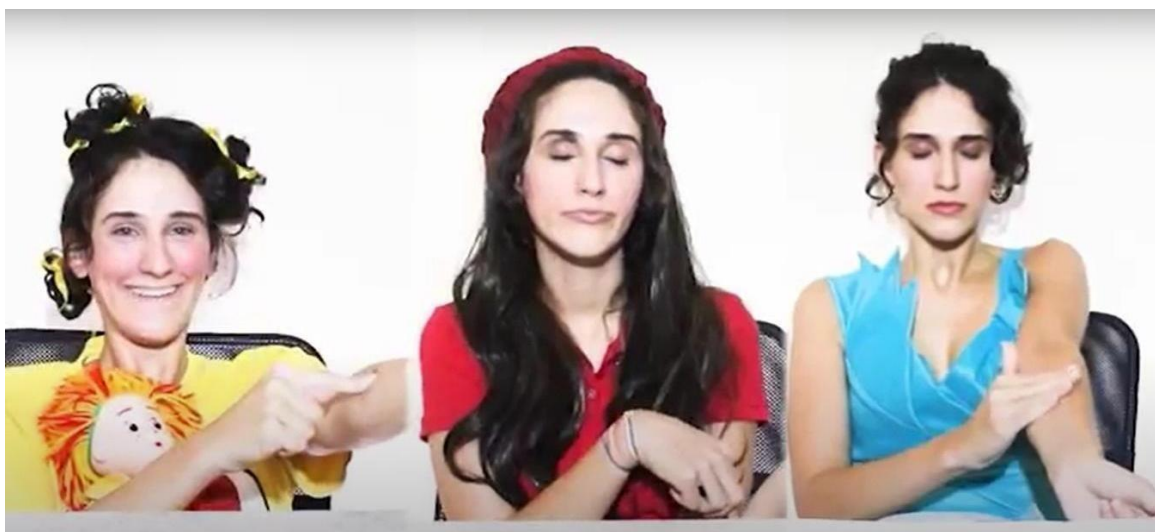


FIGURA 10 – Registro da cena “Dimensão Marina”.

Nossos ensaios foram, em sua grande maioria, à distância, realizados através de serviços de comunicação por vídeo, como *Google Meet*. Antes de começarmos o processo de “Fica, vai ter Bolo”, Qex e eu havíamos tido experiência com ensaios à distância por cinco meses. Por isso, ao iniciar os novos ensaios, esta forma de trabalho já não era novidade para nós. Apesar de nossa – curta – experiência prévia,

a dificuldade ainda se manteve constante, especialmente no preparo das cenas em que precisava me movimentar pelo espaço, já que os ambientes utilizados para os ensaios eram a sala de minha casa e meu quarto, ambos ocupados por móveis que limitavam a movimentação. Também encontrei dificuldades durante os momentos em que precisava ensaiar sozinha, já que nunca havia feito isso antes sem estar acompanhada fisicamente de outras pessoas, atores, diretores ou professores. Estar diariamente no mesmo espaço físico também dificultou o processo, já que me sentia saturada de ver as mesmas paredes todos os dias durante o dia inteiro.

Nos dias de ensaio de outros projetos antes da pandemia, precisava me locomover até outro espaço, pegar ônibus, caminhar até lá, o que, de certa forma, me trazia a sensação de “agora vou trabalhar”. Já durante o ano de 2020, o lugar em que trabalhava era também a sala de estar da casa em que vivo com meus pais, onde vivia momentos de lazer, e também a sala de aula, o espaço onde me exercitava, etc. Assim, me alio a Eliane Brum (2020) quando afirma que “o *home office*, as *lives* e os *meetings* mudaram o conceito de casa. Ou talvez tenham provocado algo ainda mais radical, ao nos despejar não apenas da casa, mas também da possibilidade de fazer da casa uma casa”. Por isso, foi preciso certo esforço para conseguir separar os momentos de lazer e relaxamento dos momentos de trabalho, assim como para me manter focada e comprometida com os horários de ensaio.

Antes da pandemia iniciar, acreditava que o encontro só poderia existir presencialmente, em um mesmo tempo-espaço, e que só desta maneira seria possível fazer teatro. Pensava muito como o que Patrícia Fagundes escreveu sobre encontro em 2009:

Não podemos falar de encontro sem evocar o corpo. Corpo e encontro são fenômenos relacionados. Os corpos sempre querem encontrar outros corpos. O corpo é um dispositivo de conexão, um vasto órgão sensível que não se basta a si mesmo - somos organismos vivos que funcionam através de dinâmicas autopoéticas, sistemas autônomos, mas em desequilíbrio, que necessitam relações com o mundo. Qualquer impedimento desses sistemas relacionais nos aproxima da morte, o único estado em que um corpo para de estabelecer relações. O teatro é um espaço onde exercitamos esta condição, onde a carne se faz verbo e o verbo carne, onde nos encontramos e nos confrontamos com o outro, conosco mesmo, com o mundo.” (FAGUNDES, 2009, p. 38-39)

Do mesmo modo, para mim o encontro era algo intrinsecamente relacionado ao corpo físico e por isso, era bastante próximo do termo ‘convívio’ quando definido por Jorge Dubatti. Ele acredita que convívio seria “a experiência que ocorre no encontro

de duas ou mais pessoas com corpo presente, na presença física, na mesma territorialidade, na proximidade, na escala humana” (DUBATTI, 2020, p. 14. Tradução nossa). Para Dubatti, o teatro se dá apenas neste cenário, exigindo “presença física, real, de corpo presente, dos artistas, em reunião com os técnicos e os espectadores” (DUBATTI, 2015, p. 45. Tradução nossa). Por pensar dessa maneira, foi especialmente desafiador propor uma encenação *online*, em que estaria total e absolutamente distante fisicamente do público. Ainda assim, decidi que este seria um bom desafio e que, portanto, não esperaria a pandemia acabar para só então realizar meu estágio. Hoje fico muito feliz por ter tomado essa decisão.

Nosso espetáculo “Fica, vai ter Bolo” é composto por doze cenas, todas bastante diferentes umas das outras, e sete destas foram criadas e desenvolvidas pensando em uma maior aproximação do público. Estas cenas são: “Prólogo – ou Ops, já tá na hora? –”, “A Troca do Sapatinho”, “As Homenagens”, “A Festa de Aniversário dos Sonhos”, “Gerações”, “O Discurso” e “Parabéns para Você”. Nos próximos subcapítulos me deterei a discutir o processo de criação de quatro delas: “A Troca do Sapatinho”, “As Homenagens”, “Gerações” e “O Discurso”.

2.1 “A Troca do Sapatinho”

A primeira cena a ser desenvolvida, “A Troca do Sapatinho”, foi criada a partir de um exercício de escrita automática que fizemos em nosso primeiro dia de ensaios. A orientação que recebi de Qex foi a de que deveria escrever de forma automática e constante sobre minha relação com aniversário, a importância que a data tem para mim e minha trajetória com meu próprio aniversário.

Eu só comecei a ter noção do que era fazer aniversário com uns quatro anos. Digo, é o que eu lembro. Lembro de querer colocar meu sapato preferido pra comemorar esse dia, mesmo que o sapato machucasse meu pé. Acho que eu sempre tive uma adoração por esse dia, antes eu não entendia muito bem o porquê, mas acho que agora tenho entendido melhor. Acho que é porque eu me sinto vista. E querida. Porque parece que é um dia feito pra mim, um dia que o mundo parou pra eu nascer. Mesmo que eu saiba que não é bem assim. Então eu não podia guardar esse tipo de comemoração só pra mim, claro. Dei festa de aniversário pra minha hamster Mel quando tinha uns seis anos. A gente decorou a casa com uns ratinhos da Cinderela que uma amiga minha tinha, de uma festa de aniversário dela. E teve bolo também. (...) Aniversário pra mim é um pouco isso, tirar um pedaço do meu dia pra dar de presente pra uma pessoa querida. Um carinho. Minha festa preferida foi a de cinco anos, quando meus pais alugaram uns brinquedos e colocaram no pátio da casa da vó Neiva. Eu ganhei até um bolo com uma Barbie em cima. Achei chique. (...) No meu aniversário de vinte anos eu contratei uma cama elástica e quase ninguém usou. (...) Nessa minha festa de vinte anos acabou a comida. Fiquei chocada porque achava que ia sobrar e eu ia comer no outro

dia. Essa parte é boa também. Comer as coisas que sobram no dia seguinte. (...) É legal pensar que todo mundo faz aniversário. Mesmo que não goste, mesmo que não comemore ou fuja no dia. Que minta a idade, essas coisas. Todo mundo fica um ano mais velho todo ano! TODO MUNDO! Até os animais. Mas a gente nunca sabe que dia eles fazem aniversário. Pra minha hamster eu devo ter inventado um dia. Não lembro. (Trecho extraído de texto escrito em ensaio, 29 de setembro de 2020)

O texto surgiu de maneira orgânica, a partir de depoimento pessoal que passou a ser material cênico. O uso de depoimentos pessoais é muito recorrente no trabalho de diversos artistas, como no do grupo teatral Teatro da Vertigem (1991), de São Paulo, e no de Pina Bausch (1940-2009), coreógrafa, bailarina e diretora de balé alemã. Nunca havia desenvolvido um texto desta forma, e depois da experiência vivida em “Fica, vai ter Bolo” posso afirmar que me agrada muito trabalhar desta maneira. Em concordância com Miriam Rinaldi (2006, p. 139) quando diz que “o depoimento é uma qualidade de expressão de si próprio”, acredito que é a partir de nossas experiências pessoais que nos tornamos artistas criadores e criativos.

Esta cena foi constituída na intenção de compartilhar com o público minha relação com o tema e, a partir do relato pessoal, criar conexão e aproximação. O processo de criação e ensaios se deu através de vídeo-chamadas e vídeos que gravava e enviava à Qex para que ela pudesse dirigir a cena sem estar necessariamente observando ao vivo tudo o que eu fazia. No início, trabalhamos a partir da minha interação com sapatos e inserimos o texto aos poucos. A meu ver, apesar das dificuldades de conexão de *internet* e de não estarmos em sala de ensaio juntas, as coisas fluíam muito bem quando nos propunhamos a trabalhar. Em poucas semanas tínhamos uma cena criada. Porém, conforme o tempo passava, tivemos a necessidade de focar em outras cenas para que o espetáculo ficasse pronto a tempo de apresentarmos em março de 2020 e esta cena não foi retomada e trabalhada por aproximadamente três meses. Quando voltamos a trabalhá-la em fevereiro de 2021, presencialmente desta vez, criamos praticamente uma nova cena. O texto se



FIGURA 11 – Registro de ensaio do dia 08 de outubro de 2020 em momento em que a *internet* falhou.

manteve, porém a movimentação e os sapatos foram alterados. Tivemos imensa ajuda de Cláudia, que prontamente esteve presente em dois de nossos três ensaios presenciais antes da estreia. O que compreendi, tempos depois de encerrar nosso processo de ensaios, é que, nesta cena, apesar de os ensaios à distância terem funcionado muito bem para criarmos bastante material cênico, foi somente presencialmente que conseguimos ajustar os detalhes, compreender a cena num todo e finalmente finalizar o processo. Ter ensaiado mais de uma vez no espaço onde apresentamos o espetáculo fez muita diferença, me trazendo a segurança que faltava durante o processo. Em questão de atuação, esta cena foi particularmente desafiadora para mim.

Essa é a segunda vez que entro ao vivo no espetáculo, mas a primeira em que conto uma história ao público, então sabia que precisava de uma energia maior, um “ataque” desde o início da cena. A minha maior dificuldade era manter o texto vivo, pensar em cada uma das palavras ditas, além de não exagerar nos movimentos das mãos. Mexo muito as mãos quando falo no meu dia-a-dia e era muito difícil de não mexê-las em cena também, acho que justamente por não se tratar de uma personagem muito distante de quem eu sou. (GREVE, 2021, p. 29)

Mesmo não havendo a necessidade de criar um novo corpo, um novo caminhar, uma nova voz para a persona, queria manter os movimentos limpos e precisos. Precisei de muito autocontrole e consciência corporal para diminuir o movimento das mãos. Não sei dizer com certeza se consegui chegar a um resultado positivo, mas fico satisfeita por ter prestado atenção nestes detalhes e por ter me esforçado para atingir um resultado mais preciso e organizado.



FIGURA 12 – Registro da cena “A Troca do Sapatinho”. Créditos: Qex Bittencourt

2.2 “As Homenagens”

Inicialmente, a ideia que tive para essa cena era a de interpretar todos os personagens, que seriam amigos e familiares da aniversariante e estariam gravando vídeos em homenagem a ela. Os textos desses personagens seriam entrecortados uns pelos outros através da edição dos vídeos, então aos poucos a narrativa de cada um se formaria. Trabalhamos por algum tempo nessa ideia e aos poucos as propostas foram se modificando. Pouco tempo antes de apresentarmos o espetáculo percebi, porém, que não tinha real interesse em desenvolver outros personagens para este trabalho.

Aos poucos entendi que o motivo pelo qual trabalhar outros personagens não me interessava naquele momento era o fato de que nos últimos seis meses eu tinha desenvolvido uma única persona e seus desdobramentos e que, tão pouco tempo antes da estreia, não queria ter que me ocupar pesquisando outros personagens enquanto algumas cenas que seriam apresentadas ao vivo continuavam frágeis. (GREVE, 2021, p. 30-31)

Por fim, decidimos que a cena seria formada por vídeos enviados pelo público. Como fazer isso? Primeiramente, estabelecemos uma “compra” de ingressos *online*, ainda que fosse gratuito, através do *Sympia*. No site, pedíamos informações como o número do celular e o endereço. Em um segundo momento, entramos em contato com as pessoas que assistiriam a cada uma das três sessões através do *WhatsApp* da peça e pedimos para aqueles que tivessem interesse enviassem um vídeo parabenizando e homenageando a aniversariante Marina como se ela fosse uma amiga. Eles estariam livres, enfim, para criar narrativas, cantar músicas ou simplesmente desejar um feliz aniversário. Nosso objetivo com este pedido foi o de trazer o público para dentro do espetáculo, já que eles poderiam se enxergar em cena mesmo que por pouco tempo. Era, ao mesmo tempo, uma surpresa! Tanto para a persona Marina, que é como a tenho chamado, quanto para mim mesma, já que antes do espetáculo não assisti a nenhum dos vídeos.

2.3 “Gerações”

Esta é a cena mais pessoal do espetáculo. Foi a partir dela que tudo

começou, já que é em “Gerações” o momento em que compartilho com o público meus vídeos pré-aniversário. A ideia sempre foi a de criar uma pequena dramaturgia a partir das filmagens, em que pudéssemos explorar as diferenças de minhas várias versões e também as similaridades que se mantém até hoje. É curioso observar e ouvir o que digo em cada um dos vídeos. Alguns deles apresentam frases muito parecidas entre si, como quando digo o número exato de minutos que faltavam para o dia 24 de agosto nos vídeos de 2014, 2015, 2019 e 2020 ou quando choro nos vídeos de 2014, 2015, 2016 e 2020. Outras partes de mim se alteraram muito com o passar dos anos, como os cabelos e as palavras que escolhia usar. O processo de montagem do vídeo começou em mim. Sozinha, revisei meu material e resolvi, depois de ser aconselhada por Cláudia, editar da forma que mais gostasse naquele momento. No fim, aquela edição que fiz serviu como base para que Vinícius Zurawski, o Vini, montasse a versão final.

Queria ter muita certeza do que iria ser mostrado porque, no fim, sou puramente eu. Sem máscaras, sem uma mísera persona por trás, já que esses vídeos eram gravados para mim e não tinha nada a esconder. Mesmo o último vídeo, de 2020, foi gravado antes de eu sequer imaginar que mudaria de tema, de pesquisa, de projeto de Estágio. (GREVE, 2021, p. 39)

Sendo absolutamente sincera, durante o processo eu não tinha a exata noção do porquê desta cena existir. Sentia que existia algo de especial e diferente nos vídeos que tinha gravado durante a vida e que, por algum motivo, queria ter a coragem de compartilhá-los. Acima de tudo era isso: a vontade de ter coragem. Acreditei que compartilhar momentos meus em que estava mais vulnerável seria uma forma de me sentir mais próxima das pessoas que estariam tão distantes fisicamente.

Segundo Brené Brown (2019), assistente social, professora e pesquisadora da Universidade de Houston, nos Estados Unidos, em entrevista para a Revista Tpm: “Vulnerabilidade é definida como algo incerto, arriscado e que te expõe emocionalmente. Mas, na verdade, ela é positiva. É dela que nascem emoções importantes que vivenciamos como humanos, como o amor. Isso é a base para se ter coragem.” BROWN (2010) entende a vulnerabilidade como o centro da vergonha, do medo e da luta por merecimento, mas entende que é também a partir dela que nasce a alegria, a

criatividade, o pertencimento e o amor. Concordo muito com esta visão do ser e estar vulnerável e é assim que procuro me apresentar ao mundo e às pessoas. Andar de mãos dadas com a vulnerabilidade, para mim, é um ato de coragem e não de fraqueza. Acredito também que é só a partir dela que se torna possível criar conexões verdadeiras e profundas e a conexão, segundo Brené, “é o porquê de estarmos aqui. É o que dá propósito e significado às nossas vidas. É a razão de tudo.” (BROWN, 2010)

Não foi exatamente fácil tomar essa decisão de me expor – mesmo que de leve –, mas fico feliz por ter tido a coragem de compartilhar um pouco das várias Marinas que me constituem. Hoje, pensando melhor sobre o resultado final, acho que essa é a minha cena preferida. (GREVE, 2021, p. 39)

2.4 “O Discurso”

Esta é a última cena do espetáculo antes dos créditos. Nosso desejo era o de desenvolver um momento intimista, sem movimentações pelo espaço ou textos pomposos. Meu objetivo era o de tornar o texto o mais pessoal possível, quase como se estivesse dizendo aquelas palavras em um discurso improvisado, como às vezes acontece em algumas festas de aniversário. Escrito por Qex, o texto serve como um agradecimento a todas as pessoas por terem ido à festa de aniversário de Marina e fala sobre a importância de estarmos juntos, mesmo que não fisicamente, compartilhando uma experiência. Nos encontramos algumas vezes, todas à distância, para trabalharmos o texto. Nossos exercícios focavam bastante na articulação e na compreensão de cada uma das palavras enunciadas.

Em meus ensaios sozinha, trabalhei algumas vezes a partir da *Rote Memorization* – algo como Memorização por Repetição, em português –, bastante utilizada no método desenvolvido por Sanford Meisner (1905-1997). Nesta forma de memorização, exclui-se toda a pontuação de um texto e repete-se várias vezes as palavras dele. O objetivo do exercício é saber as palavras mas sem tornar o texto mecânico e sem emoção, o que pode acontecer quando se trabalha muitas vezes em cima de um mesmo texto, deixando-o “batido”. Todas as vezes que trabalhei com a *Rote Memorization* percebi que a memorização acontecia, para mim, a partir da sonoridade das palavras, quase como se o texto fosse uma música – mesmo que eu não

definissem um ritmo e seguisse sempre com ele – . Justamente por isso escolhi pensar o texto desta maneira, já que durante a vida entendi que sou uma pessoa que trabalha muito bem a partir de estímulos sonoros. Ouço uma música algumas vezes, por exemplo, e depois disso normalmente já sei cantá-la de cor. Como não tinha muito tempo até a estreia do espetáculo, trabalhar a partir da sonoridade das palavras fez sentido, já que o caminho se torna mais curto e objetivo para mim que tenho mais facilidade nesse aspecto.

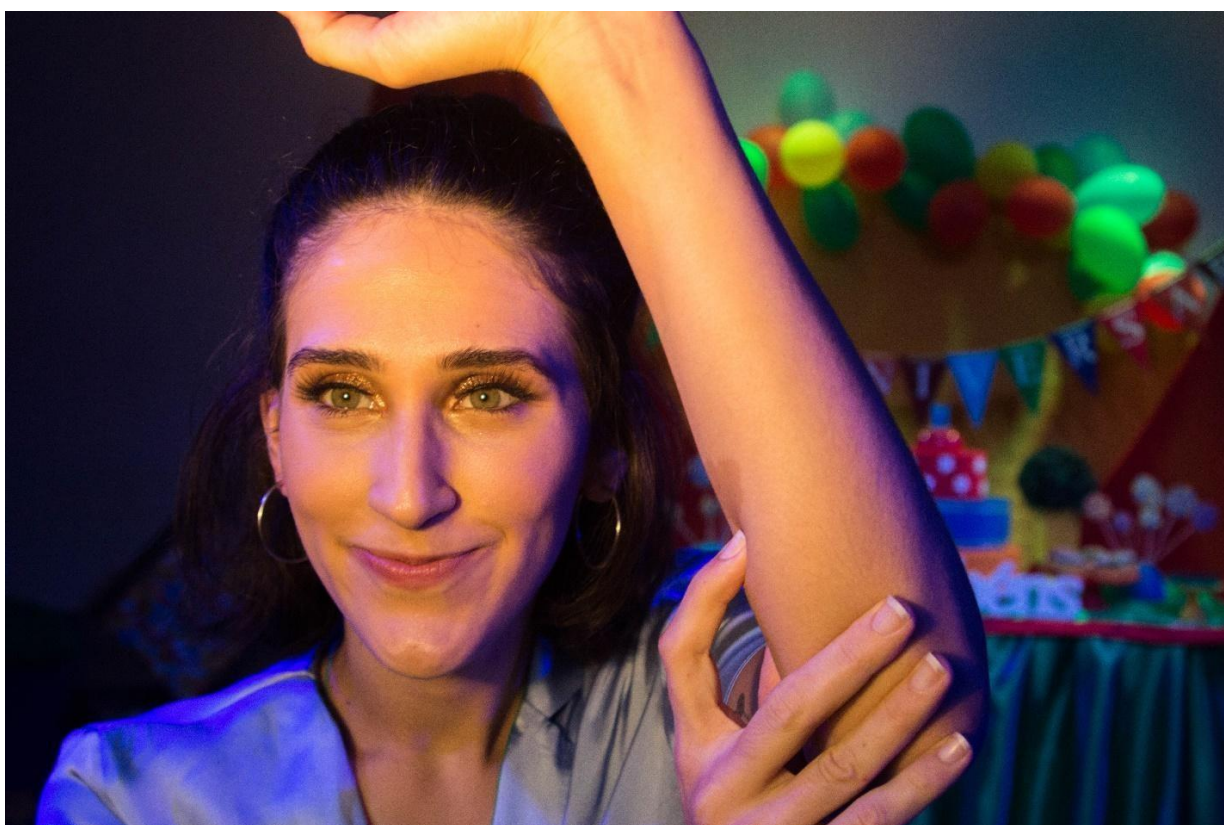


FIGURA 13 – Registro da cena “O Discurso”. Créditos: Qex Bittencourt

3. FELIZ ANIVERSÁRIO: AS APRESENTAÇÕES

A temporada de “Fica, vai ter Bolo” aconteceu nos dias 11, 12 e 13 de março de 2021, às 20 horas. O dia de estreia do espetáculo se iniciou cheio de sentimentos novos para mim, que pela primeira vez apresentava um trabalho solo, um estágio próprio e um espetáculo *online*. Mesmo que desafiador e confuso, foi importante sentir um frio na barriga relacionado ao teatro depois de tanto tempo sem perspectiva de quando me sentiria daquela maneira novamente. Antes da estreia também me passavam pela cabeça algumas questões, sendo duas delas: “Será que me sentirei próxima das pessoas?” e “Será que vou me sentir sozinha?”. A resposta para essas duas perguntas é diferente dependendo de que apresentação estamos nos referindo, já que os dias foram bastante distintos entre si. Nos próximos subcapítulos me deterei a falar sobre estratégias de aproximação que desenvolvemos para que me sentisse mais próxima do público, sobre as apresentações e os momentos de encontro – e desencontro – que surgiram a partir delas.

3.1 Estratégias de aproximação: os *Kits-Aniversário*

Festas de aniversário possuem elementos característicos, principalmente as feitas para crianças. Para mim, para que se realize uma verdadeira festa, são imprescindíveis elementos como o bolo e as velas, os balões, os chapeuzinhos e as lembrancinhas. Apesar de termos desenvolvido um espetáculo *online*, em que estivemos distantes do público fisicamente, propus que tentássemos prover uma pequena festa de aniversário para que os espectadores aproveitassem mesmo que estivessem em suas casas.

Planejar uma festa envolve generosidade, certa disposição a servir: queremos que as pessoas tenham uma experiência significativa, servimos, compartilhamos. [...] Nenhuma proposta é incrível em si mesma, uma festa não funciona se as pessoas não desejarem. (FAGUNDES, 2016, p. 166)

Esta fala de Fagundes exemplifica bem o que quis proporcionar. O planejamento da minha festa envolvia servir algum quitute e sugerir que

vestissem o chapeuzinho durante a peça. Tinha a esperança de que o público se sentisse de fato convidado a participar ativamente do espetáculo e que também desejassem que a experiência fosse positiva e que o encontro acontecesse, de alguma forma.

Foi assim que surgiram os *kits*-aniversário, formados por um bolinho, uma vela, um chapeuzinho de aniversário colorido e uma lembrancinha: oito adesivos comelementos do cartaz do espetáculo – criado por Olívia Girardello –. O objetivo era que eu me sentisse mais próxima do público e, se fosse possível, eles de mim e uns dos outros, já que a maioria estaria comendo a mesma coisa e vestindo o mesmo chapéu. Os *kits* se tornaram um elemento tão importante que até mesmo o número de ingressos disponíveis a cada sessão foram definidos a partir deles. Como não tivemos nenhuma contribuição financeira oriunda de edital ou da própria universidade para a produção do espetáculo, não foi possível pagar por tantos *kits* quanto gostaríamos. Por isso, propus que a cada sessão disponibilizássemos 25 ingressos.

Aproximadamente duas semanas antes da estreia, entramos em contato com o público através da conta de *WhatsApp* do espetáculo para informar às pessoas sobre as lembrancinhas e perguntar se seria possível que compartilhassem conosco seus endereços para receberem os *kits* em casa. Grande parte dos ingressos foram reservados por residentes de Porto Alegre, então conseguimos entregar estes pacotes em mãos. Para o público residente de outras cidades do Rio Grande do Sul ou do Brasil, enviei um pacote com chapeuzinho e adesivos por correio.

A sensação que tinha ao entrar em contato com as pessoas para combinar a entrega dos *kits* era que estava realmente fazendo uma festa de aniversário e que todos com quem conversava eram meus convidados e amigos. Apesar de não conhecer várias pessoas da plateia, criou-se, a meu ver, uma espécie de combinado: nós seríamos amigos por algumas horas e nos trataríamos como tal, seja por mensagem de texto antes da peça, seja durante ou depois do espetáculo. Fui extremamente bem tratada por todas as pessoas em todos os momentos em que precisei me comunicar com eles através do *WhatsApp* do espetáculo.

Conforme as pessoas recebiam seus *kits*, muitas delas postavam fotos

e vídeos nos *stories* do *Instagram* mencionando meu perfil e os da equipe. Foi uma forma muito especial de divulgar o espetáculo, já que surgiu do público forma espontânea e sincera antes mesmo de assistirem à peça. Já começava ali o encontro!



FIGURAS 14 E 15 – Imagens capturadas da tela de stories publicados por, da esquerda para a direita, Victória Ribeiro e Martina Fensterseifer.



FIGURAS 16 E 17 – Imagens capturadas da tela de stories publicados por, da esquerda para adireita, Marina Vacchi e Thiago Ruffoni.

3.2 As Apresentações

3.2.1 11 de março: a estreia

O dia 11 de março começou com entregas de *kits*-aniversário e ansiedade. Como seria estar no “palco” – digo entre aspas porque não apresentamos em um palco de fato – novamente, mas sem o calor do público presente em um mesmo espaço físico? Se dissesse que tinha ideia de como seria estaria mentindo descaradamente porque a verdade é que, como em todas as outras partes do trabalho, só descobriria fazendo. Apresentamos o espetáculo no Espaço n, um espaço em Porto Alegre que oferece diversas aulas de dança, teatro e música e que nos acolheu de braços abertos. Foi muito importante estarmos em um ambiente confortável, amplo, ventilado e seguro, em especial por estarmos em meio a uma pandemia. Segundo Peter Brook (1970, p. 3), uma pessoa cruzando um espaço vazio enquanto

outra a observa seria o suficiente para instaurar uma situação teatral ou uma ação cênica, mas ainda assim acredito que o espaço cênico, dependendo de qual for, faz muita diferença para o resultado final de um espetáculo. Desta vez, como não estaríamos dividindo o espaço-tempo com o público, o que precisávamos era de um espaço que provesse de conexão de *internet* estável, que fosse minimamente grande para que eu pudesse me movimentar em cena e que estivesse disponível para ensaio e também para os dias de apresentação. O Espaço n, além de cumprir nossos pré-requisitos, ainda foi além por nos deixar absoluta e completamente confortáveis e acredito que isso fez muita diferença no resultado das apresentações.

Apesar de termos organizado o espaço com certa antecedência, nos atrasamos, como geralmente acontece nas estreias. Até ajustarmos todos os vídeos, o som, o microfone, as luzes e arrumarmos o *Zoom* para receber nossos convidados-espectadores, já haviam se passado alguns minutos das 20h. Meu aquecimento vocal e corporal foi extremamente prejudicado no primeiro dia, já que passei mais tempo do que deveria organizando caixas de presente e pendurando o letreiro de “Feliz Aniversário” atrás da mesa do bolo. Faltando alguns minutos para começarmos o espetáculo, aqueci a voz e o corpo com ajuda de Qex e Cláudia, que nos acompanhava neste dia.

Primeiro, segundo, terceiro sinal: todos feitos com som de cornetas, remetendo a aniversário. Hora de entrar em cena! Neste primeiro dia não tínhamos uma tela ou monitor para que eu pudesse enxergar as pessoas durante a peça, então era Vini quem me mostrar de tempos em tempos a reação do público a algumas cenas. Vi o público logo quando entrei em cena pela primeira vez e depois só na quinta cena. A solidão que vivia quando resolvi trabalhar a partir do tema aniversário me invadiu por inteiro durante o espetáculo. Por não ver o rosto de ninguém, além dos da equipe visivelmente preocupada, me senti desamparada, atuando para uma câmera enquanto sabia que várias pessoas me assistiam, interagiam, usavam seus chapeuzinhos e comiam seus bolos. Qex, Vini e Henrique Strieder, o Rique, reagiam a tudo o que a plateia fazia e eu não tinha noção do que acontecia, se gostavam ou não do que eu fazia, se deveria continuar ou não indo pelo caminho que escolhi ir, se dançavam comigo ou se todos estavam sentados.

A sensação que tive foi de que o espetáculo passou em um segundo. Não consegui aproveitar e me divertir em momento algum e sentia que existia uma certa tensão no ar, não só para mim, mas também para o resto da equipe – que hoje sei que existia porque uma das cenas gravadas não havia ficado pronta com antecedência, sendo esse o real motivo do nosso atraso no início do espetáculo –. Acredito que o que tomou conta de mim durante o espetáculo foi ansiedade, essa que torna impossível se deixar atravessar pelo tempo presente (HOMEM, 2020, p. 17). Ao final da nona cena, “Dimensão Marina”, um sentimento de vazio e tristeza me invadiu. A vontade de chorar, sentada em frente à câmera – mas ainda fora de cena –, foi enorme. Cláudia, por sorte, estava ali para me dizer para que eu aproveitasse aquilo, vivesse aquele sentimento e o utilizasse em cena. Nunca antes na vida havia entrado em cena chorando como atriz. As personagens, sim, choravam, mas eu, Marina, por meus motivos pessoais, nunca. Falei chorando com aquelas pessoas que me assistiam e fui absoluta e completamente sincera ao fazê-lo. Não tive medo de me esconder naquele momento, mas tentei disfarçar o choro de frustração e torná-lo felicidade. Porém, não acho que tenha conseguido esconder nenhum dos meus sentimentos e hoje me sinto satisfeita por isso. Apesar de ter me sentido distante do público durante o espetáculo, acredito que pelo menos nesse momento tenha ocorrido certa aproximação, pelo menos de minha parte.

“Observemos uma flor; a primeira coisa que vemos são as delicadas pétalas. Mas se olharmos por trás dela podemos ver o caule. A beleza frágil é real, mas alguma coisa a mais a sustenta. Esta é uma verdade que serve para tudo: existe uma superfície que se pode ver, mas existe sempre algo a mais por detrás. Mesmo uma montanha enorme terá correntes de água fluindo embaixo dela.” (OIDA, 2001, p. 92)

Hoje entendo que, apesar da preparação, da partitura vocal, do texto, do ensaio, que seriam a montanha enorme, firme e concreta que Yoshi Oida apresenta, existia – pois sempre existe – em mim um fluxo emocional frágil e até mesmo bonito, a meu ver, que dá corpo a essa corrente de água fluindo embaixo dela. Possivelmente, se Cláudia não estivesse lá, teria montado uma pilha de pedras para tentar conter essa corrente de água. Felizmente recebi um conselho sábio e deixei a água fluir, dali em diante.

O momento mais intenso foi, sem dúvida, a hora de cantar “Parabéns para Você”. Nunca havia ensaiado esse momento, sempre disse que deixaria para cantar pela primeira vez no momento que o espetáculo estreasse, afinal não havia o que ensaiar já que canto essa música todos os anos várias e várias vezes para pessoas diferentes, incluindo a mim mesma. Quando bati a primeira palma e cantei a primeira palavra, tudo o que ouvi foi a mim mesma – e as palmas baixíssimas de Qex ao fundo –. Pela primeira vez na vida me senti sozinha e abandonada em minha própria festa de aniversário e chorei mais uma vez. De frustração, solidão, tristeza e outras coisas que talvez nem saiba identificar, mas que existiam ali. Foi doloroso viver aquilo, especialmente porque por meses a fio coloquei muita expectativa naquele momento e no que viria a sentir quando estreássemos. Pensei que me sentiria abraçada pelas pessoas, mesmo que elas estivessem distantes, e talvez isso pudesse ter acontecido se estivesse enxergando seus rostos. Mas não foi o que aconteceu. Hoje, sei que não mudaria essa experiência, por mais desafiadora que tenha sido, pois pude acessar a emoção do tema que me é tão caro.

3.2.2 12 de março

Minha avó Neiva dizia uma frase com frequência que é sempre lembrada por nossa família em momentos de dificuldade. “Vamos viver um dia de cada vez”. Já tendo vivido a experiência do dia anterior, sabia o que fazer – e o que não fazer – para me preparar para entrar em cena e ter uma vivência mais tranquila durante a apresentação. Neste dia levei uma televisão ao Espaço n com o objetivo de ver o público durante o espetáculo inteiro. Sentia que se enxergasse os rostos das pessoas e suas reações me sentiria mais próxima delas.

Aquecer o corpo e a voz com calma fez muita diferença no trabalho, reduzindo o estresse pré-cena. Me sentia ansiosa para iniciar o espetáculo, mas diferente do dia anterior, a ansiedade não me paralisava e sim impulsionava.

Antes de entrar em cena, mantínhamos minha câmera fechada e então eu podia ficar observando cada pessoa que entrava na sala. Me sentia

nas coxias de um grande teatro, espiando através da cortina os rostinhos sorridentes da plateia. Entrei em cena me sentindo empolgada e à vontade. Logo na primeira cena, “Prólogo – ou Ops, já tá na hora? –“, falei com o público brevemente e ao enxergar os rostos e as reações do público e perceber a entrega deles ao trabalho, a sensação que tinha era de que podia sentir a energia de cada uma daquelas pessoas através da tela.

Quando saí de cena depois de falar com o público na cena inicial, pude, pela primeira vez, ver a mim mesma em cena. Antes de apresentar um espetáculo online, nunca poderia enxergar a mim mesma em cena no palco do teatro – a não ser que estivesse aparecendo em um vídeo projetado –. Novamente me senti nas coxias, mas dessa vez, ao invés de observar meus colegas atores atuando, assistia a mim. Acredito ser uma experiência e sensação únicas, já que difere de estar enxergando a si mesmo na tela de um cinema. No cinema, nos vemos atuando e pronto. No teatro online, quando híbrido, nos enxergamos atuando e logo em seguida precisamos entrar ao vivo, atuando também. Esta é uma experiência diferente das outras que havia vivido.

Fiz a última cena, novamente, com lágrimas nos olhos, mas desta vez feliz e emocionada por estar dizendo aquelas palavras. No “Parabéns para Você”, por enxergar o público batendo palmas e cantando, me senti muito bem acompanhada e contente. Finalizei o dia muito satisfeita com a apresentação e também com a sensação de estar realmente fazendo teatro novamente, apesar da distância.

3.2.3 13 de março

Durante o processo pensamos muito na relação com o público e todas as possibilidades de fazer com que alguma espécie de encontro ocorresse, mas acredito que em momento algum paramos para pensar sobre o encontro entre a equipe. Antes de o espetáculo iniciar, fui surpreendida por Vini, Qex e Rique, com o que eles chamaram de “um dia de princesa”, com direito a massagens, máscaras faciais e chá verde. Acredito ser muito importante que o trabalho aconteça em um espaço de boas relações e carinho, em que todos os membros de uma equipe se sintam confortáveis e à vontade. Foi como me senti neste dia de nossa última apresentação da pequena

temporada na Mostra DAD, que apresenta os trabalhos finais dos alunos e alunas da graduação em Teatro na UFRGS, seja ela bacharelado ou licenciatura.

Depois de um primeiro dia de apresentações um pouco conturbado e um segundo dia muito bom, não sabia como seria o terceiro. Os rostos da plateia, que entrava na sala de *Zoom*, me deixaram contente e animada para começar o espetáculo, assim como no segundo dia. A relação que se criou desde o primeiro instante era agradável, as pessoas pareciam se sentir bem e também animadas para a apresentação. Lauro Fagundes Ferreira, ao descrever sua experiência assistindo à Bibi Ferreira, grande atriz do teatro brasileiro, em cena em 2015, narra que a atriz, ao iniciar o espetáculo, disse ao público:

“[...] que vocês me perdoem estar assim tão à vontade, chamar vocês de vocês, estar assim... De braços abertos esperando sempre o carinho de vocês, a crítica de vocês e principalmente esse calor humano que vocês sempre mandam pro artista que está aqui de pé na frente de vocês.” (FERREIRA, 2018, p. 11)

E durante a apresentação foi assim que me senti: à vontade e de braços abertos para aquele público receptivo e caloroso. Porém, diferente de Bibi Ferreira, não senti a necessidade de me desculpar por isso, bem pelo contrário, já que foi extremamente agradável me sentir dessa maneira. Neste dia, “foi a primeira vez que senti que entendi o espetáculo, o texto, a movimentação, a minha presença e que de fato experienciei cada um dos momentos em cena. Me diverti e sinto que aproveitei cada momento.” (GREVE, 2021, p. 54) Já havia vivido essa experiência de descobrir o espetáculo enquanto o faço. Em “Os Mamutes”, espetáculo desenvolvido em 2018 na disciplina Dramaturgia do Encenador a partir de texto do dramaturgo carioca Jô Bilac, sinto que só consegui entender minha personagem, Isadora Faca no Peito, em nossa primeira apresentação. No espetáculo, Isadora é uma espécie de narradora e se direciona ao público toda vez que entra em cena. Nos ensaios eu não tinha com quem contracenar, então olhava para as paredes da sala e aguardava ansiosamente o momento de estar com o público. De fato, quando estreamos, a relação que se construiu foi muito forte e, para mim, foi naquele momento que a personagem realmente ganhou vida. Acredito que isso também tenha acontecido em “Fica, vai ter

Bolo”, já que na maior parte das cenas me direciono ao público e só ao enxergá-lo pude entender a persona-Marina.

Ao final do espetáculo, uma grande e feliz surpresa: parte do público ficou na chamada de *Zoom* e nós pudemos conversar. Várias pessoas ligaram seus microfones e compartilharam suas impressões e sensações pós-peça ou contaram histórias que vivemos juntos. Foi a primeira vez que vi e conversei com várias daquelas pessoas depois de um ano de isolamento social, então foi uma forma muito especial de finalizar a temporada: me sentindo querida, acolhida e feliz. Com sensação de dever cumprido e de encontro!



FIGURA 18 – Registro da cena “Parabéns para Você”. Créditos: Qex Bittencourt

CHEGOU A HORA DE APAGAR A VELINHA: CONSIDERAÇÕES FINAIS – E O ENCONTRO! –

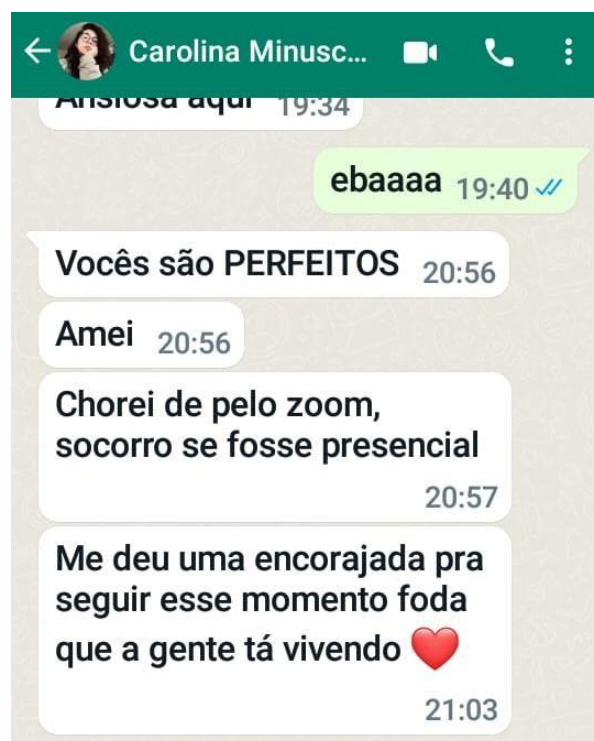
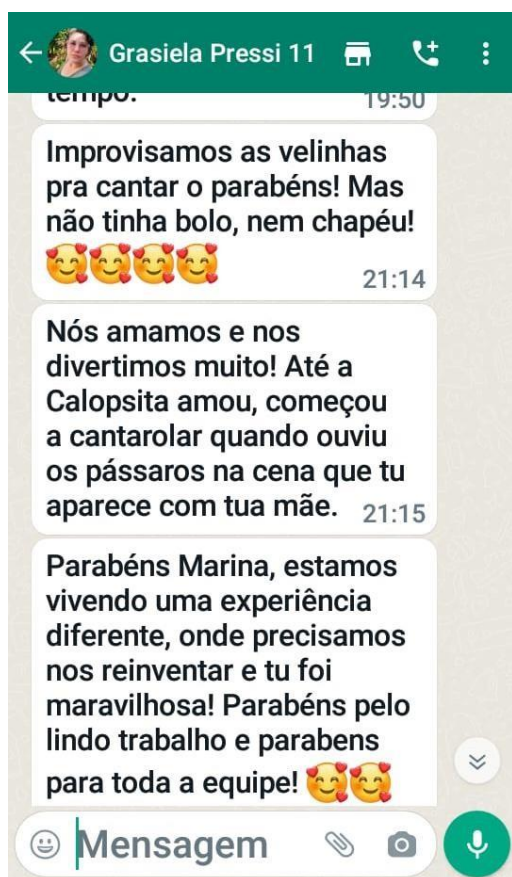
Segundo o dicionário Michaelis *online* (2021), entre as definições da palavra “encontro”, há a possibilidade de “junção de pessoas ou coisas que se dirigem para o mesmo ponto ou se movem em sentido oposto” e “fato de duas coisas se unirem”. O teatro é “um estado de encontro” (FAGUNDES, 2009, p. 32 apud BORRIAUD, 1996) e acredito muito no teatro como, também, um possibilitador de encontros. O que não sabia, até março de 2021, era que seria possível que esses encontros a partir do teatro acontecessem à distância, através da *internet*, conectando pessoas em bairros, cidades, estados, países e continentes diferentes.

Há uma definição de “encontro” que engloba muito bem o que acredito ter acontecido em “Fica, vai ter Bolo”. Esta definição é da psicanalista, pesquisadora e professora Maria Homem. Homem é doutora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e aborda em suas reflexões principalmente temas como o laço social, a comunicação, a política, o cinema, a literatura, os conflitos e questões contemporâneas, como gênero, sexualidade, vida digital e diversidade. Trago, portanto, o sentido de “encontro” cunhado por Homem em seu livro “Lupa da alma: Quarentena-revelação”, de 2020:

"O que será que acontece quando algo acontece? Uma mudança subjetiva tal que nós não somos os mesmos que fomos antes, mesmo que numa parcela mínima. Algo em mim agora sente e pensa de forma diferente. A aula, a palestra, o congresso foram ótimos. Tudo o que ouvi reverbera em mim de tal forma que não sou mais o mesmo que era antes de escutar essas coisas e ter esses insights. Como quando se vê um filme ou se lê um livro que nos faz perceber o novo, ter a consciência de algo, ou nos dá o direito de pensar alguma coisa que antes estava numa zona um pouco nebulosa ou mesmo recalçada. Tudo isso é encontro. Encontro com o outro vivo, com o corpo do outro, a palavra do outro; sendo palavra falada ou escrita, e esse outro estando vivo ou morto. Encontro é quando o eu não é mais o mesmo depois de ter esbarrado em algo e ter se deixado penetrar por essa experiência." (HOMEM, 2020, p. 40)

Acredito que foi essa a experiência que tive com “Fica, vai ter Bolo”. Depois de apresentar o espetáculo três vezes mudei minha percepção sobre quesitos que nunca pensei que se alterariam. O fato de enxergar a

possibilidade do teatro existindo *online*, perceber minha capacidade de fazer um solo e, talvez o mais importante neste momento, proporcionar momentos de conexão – não só no sentido do virtual, mas do humano – entre pessoas que se encontravam distantes fisicamente. Acredito que este encontro foi recíproco e aconteceu para grande parte do público também, já que recebi relatos após as apresentações que confirmam que a experiência foi positiva para ambas as partes.



FIGURAS 19 E 20 – Imagens capturadas da tela de relatos pós-espétáculos de, da esquerda para a direita, Grasiela Pressi e Carolina Minuscoli.



FIGURAS 21 E 22 – Imagens capturadas da tela de relatos pós-espetáculos de, da esquerda para a direita, Luiza Escandiel e Duda Rhoden.

Outro aspecto que acredito ter contribuído para que o encontro acontecesse é que o público permitiu que fosse desta forma, já que “para que o encontro ocorra, é preciso que o espectador o deseje, ainda que inconscientemente.” (FARIAS; FLORES, 2013, p. 13). Ao encontrar espectadores tão abertos para o momento cênico, tão ativos e participativos, me senti confortável o suficiente para estar inteira em cena, vulnerável e presente. Acredito que os encontros não são possíveis se não estivermos inteiros e presentes.

Acredito que o que vivemos naqueles dias de temporada se aproxima, de certa forma, ao que Jorge Dubatti entende por tecnovívio, que seria a experiência humana à distância, sem que a presença física ocorra no mesmo espaço (2020, p. 14).

Tecnovívio (...) permite a subtração da presença do corpo vivo, e a substitui pela presença telemática ou pela presença virtual por intermediação tecnológica, sem proximidade dos corpos, em escala ampliada por meio de instrumentos. (DUBATTI, 2020, p. 14. Tradução nossa)

Diferente do convívio, quando também definido por Dubatti, o tecnovívio traria desterritorialização, limitações no diálogo e impediria a

existência da zona vital compartilhada. Em se tratando de desterritorialização, concordo com Dubatti que isto poderia, e talvez possa, acontecer, porém não acredito que seja um fato ruim. Espetáculos apresentados na *internet* podem proporcionar falta de contato com a cidade e com a vida urbana, fazendo com que deixemos de frequentar espaços públicos, por exemplo. Por outro lado, possibilita que assistamos a espetáculos realizados em qualquer lugar do mundo com muita facilidade. Não trago à discussão o fato de o espetáculo perder ou não qualidade cênica, trago o fato de que se torna possível assistir a peças teatrais a qualquer momento e de qualquer lugar.

Estar em cena no teatro *online* é muito diferente de estar presencialmente, com convívio físico. Para mim, assim como para Dubatti (2020, p. 14), a experiência convivial e tecnovivial não são melhores, nem piores: são diferentes. Não acredito que uma experiência substitua a outra, já que cada uma possui suas particularidades que deveriam ser utilizadas quando querido fosse. Também não acredito que o teatro *online* deveria deixar de existir depois que a pandemia acabar, já que a *internet* abriu portas para temporadas internacionais dos espetáculos e troca entre artistas residentes de países distantes.

A partir do que propusemos em “Fica, vai ter Bolo”, posso afirmar que certas características do teatro também se mantêm, mesmo que o espetáculo seja realizado *online*. Lauro Fagundes Ferreira, em “O ator anfitrião: uma perspectiva festiva sobre atuação”, de 2018, relata que o teatro só existe no momento presente.

Quando cessa o ato teatral, nada fica a não ser a memória, o afeto e a sensação daqueles que o viram. E mesmo essa memória não é um produto permanente. A lembrança do acontecimento cênico vai se anuviando e o que sobra é uma sensação do que foi para nós aquela experiência. (FERREIRA, 2018, p. 24)

Ao realizar um espetáculo híbrido ou inteiramente ao vivo essa característica se mantém presente, já que as cenas feitas ao vivo só existirão de determinada maneira em determinada sessão. No primeiro dia da temporada de “Fica, vai ter Bolo”, por exemplo, não conseguimos filmar a peça, portanto aquelas imagens agora vivem apenas na memória de quem

assistiu, na minha e na da equipe. As sessões que temos gravadas, mesmo que sejam assistidas agora, não causarão a quem assistir a mesma sensação que quem assistiu ao vivo sentiu. Isso porque a atmosfera criada a partir dos chapéus, das lembrancinhas, do bolo, da relação entre atriz e público e do conhecimento de que aquilo acontecia exatamente naquele momento não mais existirá. Posso afirmar também que o encontro existe, principalmente quando visto a partir do ponto de vista de Maria Homem. A conexão é possível, a troca de energia é possível. E, para mim, é isso o que verdadeiramente importa.

Vejo também que o encontro com o público, porém, não foi o único encontro que ocorreu durante as três apresentações. Durante estes dias tive a oportunidade de ter um reencontro comigo enquanto atriz. Passei o ano de 2020 e os primeiros dois meses de 2021 sem atuar uma vez sequer em frente a um público. HOMEM (2020, p. 23) define a quarentena como “uma espécie de jogo, em que estávamos todos correndo enlouquecidamente na quadra da vida e de repente alguém gritou: estátua! E tivemos que congelar o movimento. Aí pudemos — fomos obrigados a — ver melhor como e com quem estávamos construindo nosso dia a dia”. Durante este período de isolamento social repensei muitas coisas sobre minha vida: hábitos, companhias, sentimentos. Continuar ou não sendo atriz, porém, não foi um questionamento. Foi uma saudade; também uma dor, de certa forma, por estarmos vivendo este momento de um Brasil que vê sua cultura sucateada a cada dia mais. Mas nunca uma dúvida. Poder fazer arte novamente e em contato com pessoas foi alegria e respiro e trouxe ainda mais forte a certeza de que quero continuar sendo atriz enquanto isso me fizer feliz.

A verdade é que eu não poderia fazer algo, no trabalho ou na vida pessoal, que não me permitisse estar de alguma forma em contato com pessoas. Durante toda minha vida de alguma forma criei maneiras de estar com pessoas, de falar com pessoas, de ajudar pessoas, de olhar nos olhos de pessoas em plateias ou em qualquer lugar que fosse, em todas as funções que exerci até então. Renato Manfredi Júnior, mais conhecido como Renato Russo, em Pais e Filhos (1989), dizia que “é preciso amar as pessoas como se não ouvesse amanhã” e levo esses dizeres comigo em todo e qualquer lugar que esteja. “Fica, vai ter Bolo” surgiu e hoje existe

porque amo as pessoas e quero estar com elas, seja presencial ou virtualmente, em Porto Alegre, em Pelotas, na Alemanha ou na República Dominicana, lugares em que o espetáculo foi assistido. É nisso o que acredito. Na potência do encontro, seja ele qual e como for.



FIGURA 23 – Registro da cena “Parabéns para Você”. Créditos: Qex Bittencourt

ANTES DE DESLIGAR AS LUZES DO SALÃO: REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AQUINO, Manuela. **Vulnerável, sim**: Brené Brown, conhecida pelo TED “O Poder da vulnerabilidade”, fala com a Tpm sobre a importância de se reconhecer imperfeito e ter coragem para enxergar a realidade da vida. Entrevista com Brené Brown. Revista Tpm. 03 set. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/brene-brown-do-ter-o-poder-da-vulnerabilidade-fala-da-importancia-de-se-reconhecer-imperfeito>. Acesso em: 15 out. 2021.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 154 p.

BROOK, Peter. **O Teatro e seu Espaço**. Tradução Oscar Araripe e Tessy Calado. Editora Vozes limitadas, 1970. 85 p.

BRUM, Eliane. **Quando o vírus nos trancou em casa, as telas nos deixaram sem casa**: a cultura do *home office* e das *lives* e dos *meetings* pedalou a nossa porta. *El País* (Edição Brasil). 23/12/2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-12-23/quando-o-virus-nos-trancou-em-casa-as-telas-nos-deixaram-sem-casa.html>. Acesso em: 13 out. 2021.

DUBATTI, Jorge. ***Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos***. Rebento, n. 12, p. 8-32, São Paulo, jan – jun 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/503>. Acesso em: 18 out 2021.

EINSTEIN, Albert. **Notas autobiográficas**. 4ª ed. Tradução Auly Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 94 p.

FAGUNDES, Silvia Patrícia. **O teatro como um estado de encontro**. Revista Cena, Porto Alegre, v. 7, p. 31-41, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/131224>. Acesso em: 18 out 2021.

FAGUNDES, Silvia Patrícia. **Diretor como Artista Relacional**. Revista Cena, v. 20,

p. 159-167, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2236-3254.61158>. Acesso em: 27 out 2021.

FARIAS, Tânia; FLORES, Paulo. **Poéticas de Ousadia e Ruptura**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Ói Nós Na Memória, 2013.

FERREIRA, Lauro Francisco Fagundes. **O ator anfitrião**: uma perspectiva festiva sobre atuação. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Teatro, Departamento de Arte Dramática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PortoAlegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/189433>. Acesso em: 10 out. 2021.

GREVE, Marina. **Fica, vai ter Bolo**: Relatório de Estágio. Porto Alegre, 2021. 57 p.

HOMEM, Maria. **Lupa da alma**: Quarentena-revelação. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2020. 80 p.

JÚNIOR, Renato Manfredi. **Pais e Filhos**. 1989. In: Legião Urbana. **As Quatro Estações**. EMI Music, 1989.

LAFUENTE, Antonio; GOMÉZ, David; FREIRE, Juan. *El arte de documentar*. **Ciudadanía Digital y Democracia Participativa**, Salamanca, p. 47-59, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329515122_El_arte_de_documentar. Acesso em: 13 set. 2021.

LEITE, Janaína Fontes. **Autoescrituras Performativas**: do diário à cena. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. 158 p.

MELLO, Bertha Celeste Homem de. **Parabéns a Você**. 1942.

OIDA, Yoshi. **O Ator Invisível**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 2001. 174 p.

RINALDI, Miriam. **O ator no processo colaborativo do Teatro da Vertigem.** Revista Sala Preta, v. 6, p. 135-143. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v6i0p135-143>. Acesso em: 15 nov 2021.

STELZER, Andrea. **Autoficção e intermedialidade na cena contemporânea.** Revista Urdimento, Florianópolis, v.1, n. 26, pp. 276 - 286, jul., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/1414573101262016276>. Acesso em: 13 nov 2021.

VÍDEOS

BROWN, Brené. **O Poder da Vulnerabilidade.** Houston: TED. 2010. (20 min.), color. Disponível em: https://www.ted.com/talks/brene_brown_the_power_of_vulnerability?language=pt-br. Acesso em: 15 out 2021.

PINTO, Fepa Teixeira; LEITE, Janaína. **Festa de Separação:** um documentário cênico. Direção de Luiz Fernando Marques. 2009. (25 min.), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d4oBWW1CPqo>. Acesso em: 28 set. 2021.

ABRINDO OS PRESENTES: FICHA TÉCNICA DE “FICA, VAI TER BOLO”

Elenco: Marina Greve

Direção: Qex Bittencourt

Dramaturgia: Marina Greve e Qex Bittencourt

Produção: Ana Girardello, Marina Greve, Qex Bittencourt e Vinícius Zurawski

Edição de vídeos: Ana Girardello e Vinícius Zurawski

Cinegrafia: Ana Girardello

Figurino: Marina Greve, colaboração do grupo e de Marcelo Neves

Cenografia: Ana Girardello, Henrique Strieder, Marina Greve, Qex Bittencourt e Vinícius Zurawski

Iluminação: Henrique Strieder

Ilustração: Olívia Girardello

Arte gráfica e teaser: Vinícius Zurawski

Streaming: Henrique Strieder

Participação especial: Lauro Fagundes, Patrícia Diesel e Vinícius Zurawski

Colaboração artística: Adriana Arend, Ali Cardoso, Catharina Conte, Júlia Corsete, Marina Vacchi, Maurício Schneider e Tânia Piamolini

Apoio: Espaço n e Palhacinha Bimba

Orientação: Cláudia Sachs



FIGURA 24 – Registro da cena “A Troca do Sapatinho”. Créditos: Qex Bittencourt